

## **“SÓ QUE LÁ NÃO EMPREGAVA PESSOAS NEGRAS”: UM ESTUDO SOBRE A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO**

Renan Gomes de Moura-Universidade do Grande Rio

Paloma de Lavor Lopes – Centro Universitário Geraldo Di Biase/ Faculdade Sul Fluminense

Marcus Vinicius Barbosa - Faculdade Sul Fluminense

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo investigar como a mulher negra é tratada no mercado de trabalho e para isso utilizou-se a pesquisa qualitativa, onde foram entrevistadas mulheres negras residentes em Barra do Piraí. Objetiva-se também contribuir com as análises que procuram identificar as desigualdades raciais e a reprodução das desigualdades de gênero no mercado de trabalho, contribuindo para o debate sobre a situação das mulheres negras nos diferentes espaços sociais. Ao longo desse artigo serão apresentados os determinantes históricos e seus reflexos na vida laboral na atualidade. Foi constatado que algumas mulheres negras da cidade de Barra do Piraí entrevistadas, ainda enfrentam alguns obstáculos para se inserirem no mercado de trabalho pelo fato de ser negra. A análise realizada em seus discursos identifica uma dificuldade inicial em identificar e admitir que sofrem preconceito e discriminação por parte da sociedade e do mercado de trabalho, o que ao longo da entrevista foi se tornando consciente.

**Palavras-Chave:** Mulheres negras, preconceito, discriminação, Mercado de Trabalho.

## INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho tem-se tornado cada vez mais criterioso e crítico na hora de selecionar seus candidatos, porém quando se fala da mulher o dito "critério" torna-se um grande preconceito, sendo o quesito cor o auge do preconceito para as mulheres negras, porém para entender o que essas mulheres passam ao buscar uma profissão é preciso compreender alguns conceitos como o que é preconceito e suas formas de manifestação, o histórico da mulher negra na sociedade e no mercado de trabalho e o que é empregabilidade e como se aplica a mulher negra na atualidade.

Dados do IBGE revelam que, nos últimos anos a participação da mulher negra no mercado de trabalho cresceu. Entre 2003 e 2010, a partir do governo Lula, a participação de negros, nos quadros funcionais, aumentou de 23,4% para 31,1%. Nos cargos de supervisão, a evolução foi de 13,5% para 25,6%. Já no âmbito gerencial, a participação subiu de 8,8% para 13,2%. Entre os executivos, a proporção variou de 2,6% para 5,3%. Mas, no que tange aos salários, um homem negro ganha 30% menos do que um branco para executar as mesmas tarefas. As mulheres negras são ainda mais discriminadas no mercado de trabalho.

Em toda a trajetória profissional das mulheres elas são fontes de comentários sobre suas capacidades profissionais, embora sigam velhos paradigmas como: "Elas nasceram para lavar, passar, e serem mães", porém a cada dia que passa um número maior de mulheres saem de seus lares em busca de colocações no mercado de trabalho, mesmo enfrentando grandes obstáculos para poderem conquistar seu espaço no mercado e quando conseguem esse espaço, algumas, são obrigadas a batalharem para serem respeitadas no ambiente de trabalho, em especial as mulheres negras que possuem dificuldades ainda maiores para obterem chances de bons empregos pelo fato da sociedade acrescer o preconceito racial e o sexismo. "A articulação entre o sexismo e o racismo incide de forma implacável sobre o significado do que é ser uma mulher negra no Brasil. A partir do racismo e da consequente hierarquia racial construída, ser negra passa a significar assumir uma posição inferior, desqualificada e menor. Já o sexismo atua na desqualificação do feminino". (II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, 2008).

Através da citação anterior percebe-se que nessa luta contra a discriminação, a mulher negra tem precisado empreender esforços ainda maiores que as mulheres brancas, na medida em que é submetida a uma dupla discriminação, oriunda da origem escrava da raça negra na sociedade assim tem-se a hipótese de que a mulher negra sofre preconceito de gênero e racial no mercado de trabalho no município de Barra do Piraí. Para isso, o presente artigo teve como objetivo geral analisar se a mulher negra sofria preconceito racial e de gênero no mercado de trabalho e os objetivos específicos eram: verificar como o preconceito influencia na empregabilidade da mulher negra no mercado de trabalho; analisar se o passado histórico da mulher negra influencia sua profissão; pesquisar se as batalhas enfrentadas para adquirir igualdade profissional contribuíram para um mercado de trabalho mais singular.

### 1. CONTEXTUALIZANDO O PRECONCEITO

No que refere-se a contextualização do preconceito Picazio (1999, p.99) diz que: "O preconceito é um pré-julgamento, um sentimento ou resposta antecipado a coisas ou pessoas, portanto não se baseia em experiências reais" e para completar a ideia do autor anterior segue o trecho de uma outra obra:

"[...]o preconceito seria apenas a crença prévia (preconcebida) nas qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém,

baseada na ideia de raça. Como se vê o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou publico, seja de modo comportamental, sendo que só nesse último caso é tido como discriminação” (GUIMARÃES, 2004, p.18).

Percebe-se através das citações acima que o preconceito está baseado nas ideias, são conceitos obtidos sem antes possuir qualquer conhecimento ou experiência real em dada situação ou ideia e não é demonstrado, quando ele é expresso em situações comportamentais ele perde o caráter preconceituoso e passa a ser discriminatório. Segundo o autor Andreopoulos (2007, p.157) “O preconceito e a ignorância promovem a desumanização da mulher e das minorias, um processo que estimula e apoia muitas formas de discriminação”. Entende-se que o preconceito é impulsionado pela tentativa de fazer com que determinado grupo seja inferiorizado ou marginalizado por ter certa característica que não pode ser mudada. No que tange ao estímulo do preconceito segue o trecho de uma obra:

“A hostilidade habitualmente característica do preconceito também faz parte da personalidade do indivíduo afetado e suas origens e funções na economia psíquica do indivíduo preconceituoso não podem ser ignoradas. Muitas pesquisas recentes procuraram desvelar as fontes psicológicas do preconceito, e parece haver indícios de que as pessoas que se conformam rigidamente aos valores preponderantes submetem-se à autoridade, criticam os que desprezam as normas convencionais e se preocupam com problemas de poder e de status tendem a ter preconceitos.” (CHINOY, 1969, p. 334).

Assim pode-se dizer que o que estimula o preconceito no indivíduo está ligado a sua subjetividade, ao que contradiz seus valores e sua personalidade agregando ao preconceito o seu caráter e sua interpretação dos aspectos externos da sociedade onde está inserido, sendo assim esse estímulo está ligado diretamente a cultura ao qual o preconceituoso se encontra.

Após ter compreendido o preconceito e o que o estimula será abordada as suas formas, ou seja, como ele pode ser, que segundo Borges e Predes (2002, p.139) os distingue o preconceito em: científico, político, de grupo, nacionais, religiosos, raciais e morais, completando a ideia dos autores anteriores Faggionato, Guelfi e Molina (2007, p.153) dizem que: “[...] as formas mais comuns de preconceito são: social, racial e sexual”. Nota-se que o preconceito pode ser manifestado nas mais diversas formas porem para o presente artigo será aprofundado as questões raciais e sexuais que são as bases do tema. No que se refere ao preconceito racial segue um trecho de uma obra:

“[...] racismo é uma ideologia, um conjunto de ideais que constituído ao longo da história a respeito de certos grupos (negros, índios, por exemplo) baseado em um repertório que julga potencialidades intelectuais, comportamento moral, e outras características são determinadas pelo biológico da pessoa. Tal ideologia surge por volta do século XVIII e parte do pressuposto que determinados grupos humanos com características físicas e culturais comuns (negros, brancos, indígenas, por exemplo) são diferentes entre si biologicamente [...]” (SILVERIO, 2006, p. 126).

Como mostra o trecho acima percebe que o racismo é a ideologia que as pessoas têm e estão ligadas a seus comportamentos morais e suas ações intelectuais, pode-se dizer que é o modo como interagem socialmente. Para Silvério (2006) seria tais comportamento estariam ligados as suas características biológicas, originando assim grupos separados por suas raças e grupos populacionais distintos. Observando por essa ótica o racismo não está ligado diretamente à raça e pode está ligado ao sexo do indivíduo. Após ter compreendido o que o racismo falta entender o sexismo e para isso segue o trecho de uma obra: “Não há raça

superior. As possibilidades assimiladas ao longo da vida diferem um ser humano de outro ser humano. Somos todos irmãos originários do tronco evolutivo. A mulher não é nunca foi inferior ao homem muito embora ainda seja discriminada sob diversos aspectos. É algo completamente irracional a agressão contra elas”. (MENDONÇA, 2008, p. 40)

Nota-se que mesmo sendo todos iguais em nossas origens ainda existem indivíduos que se consideram superiores uns aos outros mesmo sendo todos da espécie humana e através da citação de Mendonça fica claro que a mulher possui a mesma igualdade do homem. Entende-se que o racismo estabelece a inferioridade social da população em geral e das mulheres negras, em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos benefícios que se instituem para as mulheres brancas. O racismo e as vulnerabilidades decorrentes de sua ligação com outros fatores como o sexismo têm produzido ao longo da história uma desigualdade social entre os indivíduos na sociedade como mostra o trecho a seguir:

“Nesse sentido, o racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da “loirização”, na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade.” (CARNEIRO, 2003, p.119).

É possível compreender através das citações acima que o preconceito pode se manifestar das mais diversas formas e várias são suas faces que vai desde a forma política até a de sexo. Dando continuidade ao artigo será abordada a questão do papel da mulher negra na sociedade no passado e no presente, e como isso influenciou a sua vida profissional.

## **2. DE ESCRAVA À EMPREGADA**

Após ter compreendido as questões relacionadas ao preconceito racial e de gênero será abordado o histórico da mulher negra na sociedade e posteriormente dentro do mercado de trabalho e no que se refere ao histórico da negra na sociedade brasileira. Brazil e Schumacher dizem que “Nas últimas décadas do século XVI, as mulheres africanas começaram a chegar no chamado Novo Mundo, ou seja, após serem apresadas pelos europeus em suas terras, foram trazidas brutalmente para as Américas, onde em diferentes territórios recém-“descobertos” foram cruelmente exploradas. Obrigatoriamente tiveram que servir a exaustão como mão e corpo para toda e qualquer obra. Roubaram delas parte da liberdade e muitas vidas [...]” (BRAZIL e SCHUMACHER, 2007, p.23)

Através da citação acima se percebe que desde os princípios históricos as mulheres negras eram tratadas como objetos sem se quer ter tido o direito de escolha, sendo trazidas para o “Novo Mundo” de forma bruta e cruel sem respeito à figura feminina onde eram usadas para trabalhos pesados e ainda tiveram seus corpos usados para toda e qualquer ordem que lhe fosse dada, inclusive abuso sexual. Complementando a ideia anterior segue um trecho de outra obra:

“Chegaram aqui em solo brasileiro escravizadas, vítimas da diáspora, submetidas a todo tipo de abuso. Embora muitas delas fossem utilizadas principalmente, para trabalhos domésticos: cozinheira, arrumadeira, amas de leite, muitas eram obrigadas a terem relações sexuais forçadas com seus senhores”. (VERÍSSIMO, 2008)

Com as citações anteriores nota-se que a chegada da mulher negra no Brasil foi marcada pela extrema inferiorização feminina, pelo fato de terem sido capturadas como

“animais” em suas terras de origem, seus senhores as mantinham como objetos em suas fazendas realizavam todas as tarefas domésticas, cuidavam e em muitos casos amamentavam os filhos dos fazendeiros além de sofrerem abusos sexuais, o que não mudou muito na sociedade atual como mostra a seguir:

“Para a mulher negra sua aparência é reconhecida somente nos lugares onde é explorada sexualmente. As propagandas turísticas, por exemplo, é uma forma de incentivo a prostituição, transformando as “mulatas”, “as negras bonitas” em verdadeiras mercadorias” (SANTOS, 2000, p.57).

Como visto na citação anterior fica claro que o papel da mulher negra na sociedade colonial e atual era e é o de objeto, sendo apenas posse. Ela passou de escrava para se tornar empregada, seja do lar ou até mesmo sexual, uma das formas de trabalho tida como “errada” por grande parte da sociedade. Na colônia era obrigada a realizar qualquer tipo de trabalho que lhe fosse ordenado e ainda é possível perceber que eram submetidas a trabalhos “inferiores” como ama de leite, mucama, cozinheira etc., mesmo após o tempo ter passado esse as mulheres negras ainda enfrentam o mesmo problema: ter que trabalhar em profissões inferiores como mostra o trecho a seguir:

“A luta pela sobrevivência acaba destruindo-a, transformando-a numa máquina de produção. E sente-se obrigada a vender por um preço bastante aviltado sua força de trabalho, como faxineira, diarista, vendedora ambulante e algumas privilegiadas trabalham em fábricas, recebendo um salário inferior ao do homem no exercício da mesma função” (SANTOS, 2000, p.56).

É perceptível que a mulher negra na sociedade atual ainda se vê obrigada a ocupar cargos mais inferiores, sendo os cargos mais altos destinados a profissional com outra tonalidade de pele, brancos, e mesmo quando ela consegue ocupar uma profissão melhor ainda enfrenta o preconceito racial como mostra um trecho de Mariano e Meserani (2001 p.60) onde afirmam que: “A mulher negra ocupa o último lugar: ela sofre dois preconceitos por ser mulher e por ser negra. A ascensão, neste caso é mais difícil, pois ela tem a barreira do sexo e da cor.”.

Para complementar a ideia dos autores acima citados segue outro trecho:

“Há décadas a mulher negra vem sendo apontada como aquela que experimenta a maior precariedade no mercado de trabalho brasileiro. Entretanto os estudos que aprofundaram a perspectiva de gênero raramente levam em consideração a variável cor.” (BENTO, p.479, 2009).

Percebe-se que o preconceito contra a mulher negra no mercado de trabalho ora é escancarado, ora é maquiado, sendo assim nem ela mesmo sabe quando é alvo desse preconceito e quando estará sendo julgada pelos outros devido sua cor como mostra o trecho abaixo:

“Numa agência de empregos, especializada na colocação de empregadas domésticas, babás, lavadeiras, cozinheiras, e arrumadeiras, uma ilustração com a figura de uma mulher negra, uniformizada e com uma bandeja de café na mão, reforça a posição do negro (homem, mulher) no mercado de trabalho.” (DIDONÉ e FERNANDES, 1991, p.37).

Nota-se que todo esse preconceito contra a mulher negra é descendente de seu passado histórico, onde ocupava um papel muito inferior, o que dificultou sua vida na sociedade atual, pois com a abolição da escravidão essas mulheres se tornaram “livres”, mas não tinham o que fazer o que encadeou em suas condições de trabalho na atualidade.

“Ascender socialmente é algo muito difícil para a mulher negra, são muitos obstáculos a serem superados. O período escravocrata deixou como herança o pensamento popular, em que, elas só servem para trabalhar como domésticas ou exibindo seus corpos. As que se destacam, tiveram que provar mais vezes do que as mulheres brancas a sua competência, por isso, é que é possível afirmar que a questão de gênero é um complicador, mas se esta for somada a questão de raça, o resultado é maior exclusão e dificuldades.” (SANTOS, 2009).

Através das citações anteriores fica claro que a mulher negra tem que enfrentar diversos preconceitos para galgar empregos melhores, tendo que provar que é mais competente que a mulher branca, ser tão eficiente quanto homem e ainda ter que provar que venceu o seu passado, onde eram condenadas a trabalhar em profissões “inferiores”. Após ter compreendido o papel da mulher negra no Brasil Colônia e atualidade será abordado a seguir o histórico da mulher negra dentro do universo profissional.

### **3. A MULHER NEGRA E O TRABALHO: PASSADO E PRESENTE**

Como foi visto até agora no presente artigo, a mulher negra sempre ocupou um lugar inferior na sociedade e quando a mesma saiu da condição de escrava para se tornar “livre” não teve nenhum planejamento profissional para a mesma, ficando assim por um longo período de tempo sem apoio político e da sociedade até que surgiam algumas políticas para regularizar a trabalho feminino em um contexto geral como mostra Almeida:

“Pensando nestes graves problemas a primeira Constituição Brasileira que se manifestou sobre a mulher foi a 1934, proibindo a discriminação de seu trabalho quanto a salário, vedando o trabalho em locais insalubres e permitindo a licença remunerada antes e depois do parto.” (ALMEIDA, 2011, p.43).

Compreende-se que para a mulher ganhar espaço no mercado de trabalho precisou de uma legislação para regularizar a suas condições de trabalho, mas tal atitude não especificava e nenhum artigo que garantisse uma vida profissional adequada às mulheres negras, sendo que essas foram as que mais sofreram com a sociedade em todo o seu passado histórico no Brasil Colônia, aonde vieram de uma herança profissional que não possuíam nada a seu favor, como já foi visto no presente artigo e como mostra o trecho a seguir:

“Apesar dos avanços alcançados pelas mulheres no mercado de trabalho, ocupando posições importantes a nível profissional, este avanço é muito reduzido quando se observa o universo negro. Há poucas mulheres negras trabalhando como executivas, médicas, enfermeiras, juízas, dentre outras profissões de destaque; o que se verifica ainda é a grande maioria realizando trabalhos domésticos e recebendo baixos salários.” (SANTOS, 2009).

Nota-se que a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro é explicitamente desvantajosa, mesmo que sua participação profissional seja mais intensa que a de mulheres não negras, onde a presença da discriminação racial e de gênero se acumula à ausência da desigualdade entre os gêneros e as raças, ficando cada vez mais nítido a indiferença pelas as afrodescendentes que estão na pior situação quando comparada aos demais grupos populacionais. E foi pensando neste descaso que as mulheres negras iniciaram seus próprios movimentos para igualdade de direitos como mostra o trecho abaixo:

“Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista

brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil.” (CARNEIRO, p.110, 2003).

Através da citação anterior é possível compreender que para a mulher negra ganhar um pequeno espaço nessa sociedade rica em raça e cultura foi preciso que a mesma batalhasse para que isso acontecesse, contando apenas com apoio de suas companheiras negras que buscavam e lutavam pelos mesmos ideais, a liberdade profissional e de gênero. Tal luta acarretou em vitórias profissionais não muito consideráveis comparando a situação em que se encontravam no passado como mostra a seguir:

“[...] o fato de 48% das mulheres pretas estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativos. E quando esta barreira social é rompida, ou seja, quando as mulheres negras conseguem investir em educação numa tentativa de mobilidade social, elas se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho.” (LIMA, 1995, p.28).

Nota-se que mesmo após ter realizado trabalhos ditos inferiores em seu passado escravocrata a mulher negra batalhou para conseguir ocupações profissionais julgadas como mais superiores, porém tais batalhas não contribuíram muito para que conseguissem ter um reconhecimento profissional igual aos homens e mulheres não negros como relata Carneiro:

“Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais. Em síntese, o quesito “boa aparência”, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discricionário.”(CARNEIRO, p.115, 2003).

É possível compreender que a batalha da mulher no passado e presente não contribuiu muito para a aquisição da igualdade profissional perante a diversidade de raça e gênero, porém não houve fatores externos que influenciaram negativamente nessa luta das mulheres negras onde bombardeiam ideologias de que a mulher negra tem que ocupar o cargo de empregada e o principal deles é a mídia que induz negativamente a ideia de que a mulher negra tem que ser empregada doméstica e ocupar cargos julgados como inferior como mostra a seguir:

“As telenovelas são um planeta branco, aqui e ali salpicado de pretos - o chofer, a cozinheira, o policial [...] Realistas no sentido em que são essas de fato as profissões comuns dos negros reais, mas falsificados no sentido em

que eles não têm família, não têm ideias nem sentimentos, salvo os dos patrões: são coisas, apêndices, e não pessoas.” (ANDRADE, 2008).

Através das citações feitas anteriormente é possível perceber que a inserção da mulher negra no universo do trabalho possui muitas barreiras que são descendentes de seu passado histórico e mantidos na mente da população através de veículos de comunicação de massa como a televisão e cartazes. Após ter compreendido o passado e o presente da inserção da mulher negra no mercado de trabalho será abordado a seguir como é o Mercado de Trabalho para essas mulheres.

### **3.1 O mercado de trabalho para a mulher negra**

Nota-se que as mulheres em um contexto geral conseguiram entrar no mercado de trabalho onde o mesmo se encontra cada vez mais singular, porém essa inserção não é tão justa quando comparadas aos homens e as mulheres de outras cores, embora o mercado de trabalho esta singular quando falamos de mulheres negras ele sai dessa singularidade e passa para o plural, onde a mulher negra é alvo dos valores, atitudes e crenças dos profissionais responsáveis pelo recrutamento e seleção de novos colaboradores.

[...] Até muito recentemente o trabalho das mulheres teve, em relação ao dos homens, um caráter complementar na sustentação da família, fazendo com que sua inserção fosse intermitente, em atividades de baixa qualificação e com consequente baixa remuneração. (AQUINO, MENEZES e MARINHO, 1995, p.2).

Percebe-se que no mercado de trabalho as mulheres têm que enfrentar condições de trabalho desfavoráveis a dos homens como salários menores e que a sua busca pelo trabalho e vista como complemento de renda familiar e não como busca de carreira profissional ficando assim perceptível que o interesse da mulher pelo trabalho é simplesmente fato de prover sustento para a família e ainda tem que ocupar funções de pouca qualificação e com salários baixos. Não há dúvidas que as mulheres têm que trabalhar mais e lutar pela igualdade salarial acarretando assim em muitos desafios.

[...] Muitos problemas foram e ainda são enfrentados pelas mulheres na inserção no mercado de trabalho. Entre eles, vale ressaltar os salários menores em relação ao dos homens, a dupla jornada com o princípio de que a vida doméstica é trabalho feminino, falta de voz nos espaços de decisão, entre outras coisas. (GOMES, 2005, p.6)

As mulheres vêm então tendo que realizar jornada dupla de trabalho, pois além das funções exercidas em seus empregos ainda tem a que realizar as tarefas domésticas, porém essa forma de vida tem acarretado em grandes resultados em suas vidas pessoais como mostra a seguir:

[...] O que estamos constatando é uma quebra de tabus em segmentos que não empregavam mulheres. Nas Forças Armadas, por exemplo, elas estão ingressando pelo oficialato. Para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem cada vez mais adiado projetos pessoais, como a maternidade. A redução no número de filhos é um dos fatores que tem contribuído para facilitar a presença da mão de obra feminina, embora não isto seja visto pelos técnicos do IBGE como uma das causas da maior participação da mulher no mercado. (PROBST, 2003 p. 6).

Nota-se que a mulher de uma forma geral ainda sofre alguns preconceitos no mercado de trabalho no que se refere ao gênero prevalecendo o sexismo, onde determinados trabalhos foram feitos para homens e não para mulheres, porém no que tange a mulher negra o contexto fica mais delicado como mostra a seguir:

“Dentre os debates que colocaram as relações raciais e de gênero na agenda de importantes setores do movimento sindical nos últimos dois anos está a III Conferência Mundial Contra o Racismo. Diagnósticos contundentes ganharam visibilidade na imprensa, reafirmando informações que deixam nítida a permanência da mulher negra no patamar da sociedade brasileira, e em particular no mercado de trabalho, mesmo diante da melhoria (relativa) da inserção e mobilidade das mulheres em geral. Dos diagnósticos preparados pelo DIEESE/SEADE, IBGE e IPEA, destacamos: O salário médio da trabalhadora negra continua sendo a metade do salário da trabalhadora branca; trabalhadora negra continua sendo aquela que se insere mais cedo e é a última a sair do mercado de trabalho; Mesmo quando sua escolaridade é similar à escolaridade da companheira branca, a diferença salarial gira em torno de 40% a mais para a branca; Mulheres negras têm um índice maior de desemprego em qualquer lugar do país. A taxa de desemprego das jovens negras chega a 25% - uma entre quatro jovens negras está desempregada; Mulheres negras estão em maior número nos empregos mais precários. 71% das mulheres negras estão nas ocupações precárias e informais; contra 54% das mulheres brancas e 48% dos homens brancos; Os rendimentos das mulheres negras em comparação com os homens brancos nas mesmas faixas de escolaridade em nenhum caso ultrapassam os 53% mesmo entre aqueles que têm 15 anos ou mais de escolaridade.” (COELHO e WERLE, 2004, p29).

Com as citações se nota que mesmo após um passado profissional, onde as mulheres negras eram direcionadas a trabalhos inferiores, o mercado de trabalho não mudou muito para essas mulheres que ganham menos do que homens e mulheres brancas e que o desemprego ainda acompanha essas mulheres devido as suas condições históricas e ainda tem que aceitar a situação de ter remuneração inferior a quem ocupa o mesmo cargo possuindo o mesmo nível de escolaridade. É claro que o mercado de trabalho ainda é preconceituoso.

Através de todas as citações feitas até o momento foi possível perceber o que é preconceito e como ele pode se manifestar e assim perceber além de ter analisado que a mulher negra veio de um passado profissional sem planejamento e sem qualquer preocupação por parte do governo, sendo elas mesmas as responsáveis por lutarem por seus direitos de igualdade salarial e ocupação de cargos mais altos dentro das organizações, porém mesmo ocupando cargos mais elevados dentro do mercado de trabalho ainda são obrigadas a conviver com o preconceito racial e de gênero, outras variáveis sobre a inserção da mulher negra poderiam ser abordadas como a influência da política de cargos e salários, a questão da opção sexual da mulher negra dentro das organizações e os demais preconceitos que a mulher negra sofre e até mesmo a violência psicológica, porém são temas para serem abordados futuramente se encerrando aqui o quadro teórico do presente artigo, sendo abordada a seguir a apresentação metodologia utilizada e posteriormente a análise de resultados.

#### **4. METODOLOGIA**

A pesquisa realizada para o presente artigo teve caráter exploratório e qualitativo, onde buscou averiguar se as mulheres negras ainda são alvo do preconceito racial e de gênero no Mercado de Trabalho e para isso realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica com autores das mais diversas áreas de estudo como Sociologia, História e Administração, dando continuidade a pesquisa fez-se uma pesquisa de campo qualitativa com a população das mulheres negras residentes em Barra do Piraí. No que se refere a escolha da metodologia utilizada na pesquisa de campo deve-se ao fato de que a mesma busca explicar o porquê dos fatos, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados não são passíveis de serem espremidos de uma forma quantitativa

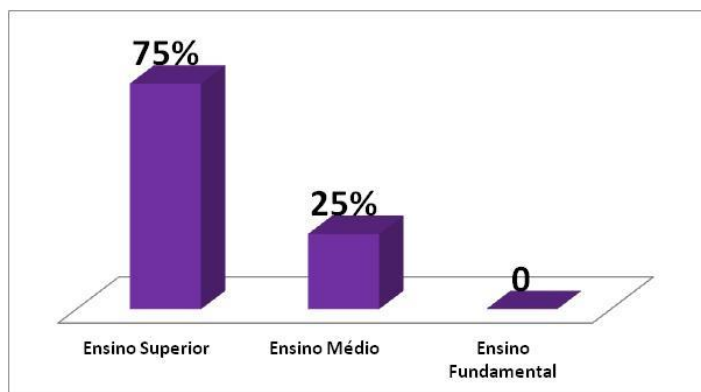
“A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.” (Goldenberg, 1999).

No que tange a coleta de dados foram entrevistadas oito mulheres negras que atuam ou já atuaram no mercado de trabalho onde foi aplicado um questionário aberto com 16 perguntas onde as cinco primeiras procuraram coletar dados socioeconômicos para traçar um dado demográfico da população pesquisada posteriormente as mulheres negras foram abordadas com perguntas que procuravam coletar informações ligadas a sua trajetória profissional.

#### **5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Para o presente artigo foi realizada uma pesquisa qualitativa com 8 (oito) mulheres negras residentes no município de Barra do Piraí e para a coleta de dados foram agendadas entrevistas onde essas mulheres responderam um questionário com 16 perguntas. As cinco primeiras abordagens tiveram o objetivo de obter dados socioeconômicos das entrevistas onde a primeira abordagem foi referente à faixa-etária e obteve o seguinte resultado: das entrevistadas 38% se enquadraram na faixa etária de 16 a 25 anos, 50% se encaixaram na faixa etária de 26 a 40 anos e 12% estavam na faixa etária entre 41 a 55 anos. Posteriormente procurou verificar a escolaridade das mulheres negras entrevistadas e obteve os resultados a seguir:

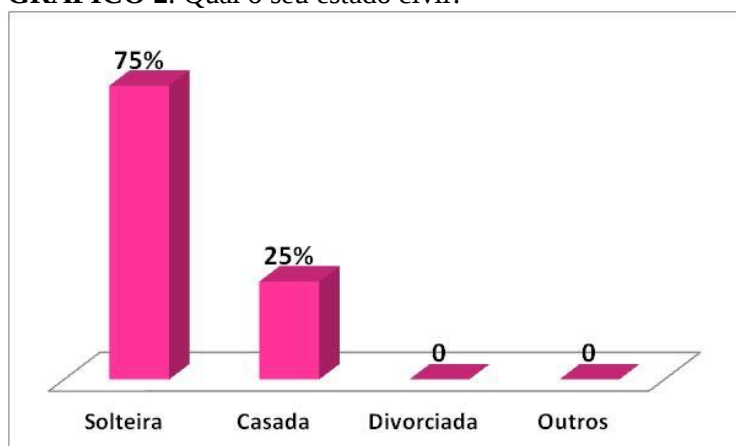
**GRÁFICO 1:** Nível de escolaridade



FONTE: Dados coletados na pesquisa de campo.

Através do gráfico acima é possível compreender que 75% das mulheres negras entrevistadas possuem nível superior. Observa-se que 25% das entrevistadas possuem Ensino Médio, nenhuma das entrevistadas possuía somente o ensino fundamental, o que demonstra que as mulheres negras estão buscando se instruir, se capacitar para o mercado de trabalho. Segundo Carneiro (2003) a mulher negra que não possui uma qualificação profissional maior está mais propensa a sofrer o preconceito por parte dos empregadores, talvez por isso elas estejam buscando uma qualificação. Dando sequência à pesquisa as entrevistadas as pesquisadas foram indagadas sobre seu estado civil e obteve os seguintes resultados:

**GRÁFICO 2:** Qual o seu estado civil?



FONTE: Dados coletados na pesquisa de campo.

Através da análise do gráfico 2 é possível perceber que as mulheres que foram pesquisadas estão adiando objetivos da vida pessoal onde grande parte (75%) respondeu que são solteiras e apenas 25% são casadas, tal fato já havia sido relatado por Probst (2003), onde as mulheres estão tendo que adiar cada vez mais os projetos pessoais em função da carreira profissional isso implica também no seu planejamento de aumento da família onde as entrevistadas alegaram por maioria que possuem apenas 1 filho (63%) e as demais disseram não ter nenhum filho (37%). A terceira abordagem procurou verificar a profissão da população entrevistada e entre elas obteve o seguinte resultado:

**Tabela 1:** Profissão das mulheres negras de Barra do Piraí

| Profissões das Entrevistadas |            |
|------------------------------|------------|
| Profissão                    | Quantidade |
| Psicóloga                    | 1          |
| Manicure                     | 1          |
| Enfermeira                   | 1          |
| Professora                   | 1          |
| Acadêmica                    | 2          |
| Balconista                   | 1          |

FONTE: Dados coletados na pesquisa de campo.

Através da tabela 1 acima verifica-se que no universo pesquisado a mulher negra está galgando uma vida profissional melhor e para isso recorre a cursos de nível superior para ganhar espaço no mercado de trabalho como relata Santos (2009). A maioria das entrevistadas exercem profissões julgadas como inferiores pela sociedade, ou seja, das 8 entrevistas 2 trabalhavam como manicure, balconista e 2 estavam cursando o nível superior e não estavam empregadas. a mulher negra já vem de um passado em que a precariedade no mercado de trabalho já fez parte de seu cotidiano como relatada por BENTO (2009).

#### **Entrevistas:**

Observou-se que as mulheres entrevistadas possuem receio de falar sobre o assunto e preferem tratá-lo como fato rotineiro em suas vidas, somente foram tomando consciência dos fatos ao longo da entrevista depois de mais relaxadas. Partes mais relevantes das entrevistas, foram separadas em temas e serão descritas e discutidas a seguir:

#### **Tema: “ preconceito e discriminação no mercado de trabalho”:**

Cruzando-se os dados da Tabela 1 com a fala das mulheres entrevistadas pode-se notar que uma das mulheres negras ainda encontrou dificuldade para entrar no mercado de trabalho pelo fato de ser negra e por não ter um diploma, sofrendo assim duplo preconceito:

*“Tive e tenho uma certa dificuldade pelo fato de minha cor ser negra” (Manicure R1)*

Outra já trabalhando, mas sendo agredida pelas pessoas para as quais prestava serviço: *“Na escola eu era discriminada pelas mães dos alunos e quando trabalhei de garçõete era discriminada pelos clientes.” (Balconista B3).* A Nutricionista G1 alegou não sentir dificuldade, pois já estava estagiando na área, ou seja, ela já possuía uma experiência prévia e teve a oportunidade de mostrar sua competência: *“Não, por já estar estagiando na área acredito que facilitou” (Nutricionista G1).*

Através das respostas da psicóloga verifica-se que mesmo sendo uma profissional liberal inserida no mercado de trabalho esteve suscetível ao preconceito, como mostra seu depoimento: *“Já fui chamada de “essa negrinha”, pela mãe de um paciente em meu local de trabalho, só por ela ter discordado de uma atuação.”... “ a cobrança é mais em relação à atuação do que em relação à formação” (Psicóloga R2).*

A Manicure R1 relatou não ter conseguido participar de um processo seletivo por conta de ser negra, não estando assim no padrão de beleza eurocêntrico como postula

Carneiro (2003), segundo essa concepção a sociedade busca como modelo de beleza a identidade branca e ocidental. Identificou-se nessa fala um caso de discriminação, que de acordo com Guimarães (2004) quer dizer a manifestação do preconceito em atitudes, 98% das entrevistadas conheciam alguém que já foi vítima de discriminação exemplificado a seguir:

*“Aconteceu de eu ir até uma loja entregar um currículo, cheguei e pedi a uma funcionária que chamasse a responsável pela loja, quando ela chegou perguntei se ali estava aceitando currículo, ela me respondeu que sim, só que lá não empregava pessoas negras. Me senti muito ofendida e pra não perder a razão abaixei a cabeça e fui embora.” (Manicure R1)*

Fica claro através dos depoimentos acima que o preconceito não advém somente por parte dos recrutadores, mas também pela própria sociedade que utiliza os serviços prestados pelas mulheres negras, quando foi chamada de “essa negrinha” é possível notar o ar de desdém e a dúvida da prática profissional exercida por parte da Psicóloga R2. Percebe-se que algumas pessoas de nossa sociedade não conseguem acreditar na capacidade das negras em exercer outros de cargos além dos de menores destaques, pelo fato da grande maioria das mulheres negras ocuparem cargos pouco valorizados pela sociedade como caracterizou Santos (2009) onde dizia que existem poucas mulheres negras ocupando cargos mais valorizados pela sociedade como executivas, médicas e outras profissões de destaque na sociedade.

**Tema: “formação profissional”:**

Posteriormente procurou averiguar se a sociedade cobrava mais da mulher negra no que se refere a sua formação profissional, ou seja, se a mulher negra tem que dedicar mais tempo aos estudos do que os outros profissionais de outra raça, onde todas as entrevistadas responderam sim, que elas têm que se dedicar mais profissionalmente, porém algumas alegaram que a raça influencia negativamente para isso já outras alegaram que a raça não interfere, mas sim o gênero, como mostra os depoimentos a seguir: *“Sim, a mulher é muito cobrada independente de ser negra e mulher é a mesma coisa do que ser excluída pela raça e pelo sexo” (Balconista B3).* *“Sim, a mulher é muito cobrada independente de ser negra ou não.” (Balconista B3).*

Através dos depoimentos acima foi possível analisar que o gênero e a raça ainda são fatores predominantes no mercado de trabalho, dificultando assim a inserção dessas mulheres que sofrem o preconceito de forma duplo sendo o preconceito de gênero e o racial como relatam Mariano e Meserani (2001).

**Tema: “sentimento em relação ao mercado de trabalho”:**

Em sequência foi perguntado às entrevistadas qual sentimento elas possuíam em relação ao mercado de trabalho e obtiveram-se diversas respostas alegando que seria um mercado político que envolve diversos fatores como mostra o depoimento: *“Em termos gerais, é um espaço político, preconceituoso, mas temos que enfrentá-lo como se isso não existisse.” (Psicóloga R2).*

Nota-se que a entrevista alega ser esse um espaço político repleto de preconceito, porém que deve ser modificado através do enfrentamento do mesmo, ou seja, é um espaço que até então deveria ser para todos, porém se mostra o contrário, onde tal espaço político

deveria ser libertador e não opressor. Ainda sobre o sentimento que elas possuíam pelo mercado de trabalho teve a seguinte resposta: *“Preconceito, realmente dependendo da área que se quer atuar a beleza exterior, conta muito que as habilidades.”* (Nutricionista G1).

Analisando a resposta anterior é possível compreender que a mulher negra tem um sentimento de inferiorização perante o mercado de trabalho, onde de forma imperceptível ela alega que a aparência eurocêntrica é mais importante até mesmo do que suas habilidades, essa disparidade já havia sido relatada por Carneiro (2003), onde alegava que o racismo superlativa os gêneros por meio de privilégios que são advindos da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Santos (2000) relata que a aparência da mulher negra só é valorizada quando tem fins turísticos e sexuais. Nesse exemplo a própria mulher demonstra preconceito em relação a beleza negra.

### **Tema: “marginalidade e pobreza”:**

Dando continuidade a pesquisa as entrevistadas foram abordadas sobre a marginalidade e a pobreza, onde foram indagadas se tal situação socioeconômica é mais frequente nas mulheres negras e houve resposta positiva por parte de todas as entrevistadas que relataram que a mulher negra encontra-se em maior nível de marginalidade e pobreza como mostra os depoimento a seguir: *“Sim. A nível de pobreza sim, mas da marginalidade acredito que são mais sofridas do que marginais.”* (Nutricionista G1)

Analisando o depoimento anterior é possível compreender que a mulher negra está em um nível de pobreza maior dos que as demais, tal fato pode ser explicado pelo seu passado histórico aonde chegaram aqui de forma forçada e eram tratadas como objetos sexuais onde a escravidão fazia parte de sua vida e eram vítimas de todo tipo de abuso como mostra Veríssimo (2008) afirmando que as mulheres eram obrigadas a trabalharem como babás, cozinheiras, amas de leite entre outros. Referente ainda ao seu passado histórico Brasil e Schumacher (2007) afirmaram que as mulheres negras já chegaram ao Brasil de uma forma brutal e cruel, onde foi-lhes roubada sua liberdade, tais fatos históricos mostram o motivo pelo qual as mulheres negras estão mais a par da pobreza, marginalidade e sofrimento.

### **Tema: “ocupação de cargo de chefia”:**

Posteriormente as entrevistadas foram indagadas se conheciam alguma mulher negra ocupando cargo de chefia e se as mesmas já enfrentaram algum problema por conta do gênero e raça, a resposta foi unânime todas conheciam mulheres negras ocupando o cargo de chefia e nenhuma delas soube de algum problema enfrentado por elas o que contradiz parcialmente a ideia exposta por Santos (2009) que diz que a ascensão profissional da mulher negra é baseada em muito desafios, porém quando elas foram indagadas se a negra possuía uma necessidade maior de provas sua competência profissional todas (100%) alegaram que sim como mostra alguns depoimentos: *“Competência profissional acredito que todas as raças precisam provar, mas, para os negros há sempre um pé atrás.”* (Nutricionista G1). *“Sim, pelo fato dela ser negra há uma grande dúvida na capacidade profissional.”* (Manicure R1).

Através dos depoimentos acima é possível compreender que a mulher negra tem a necessidade de comprovar ser mais eficiente, pois quando se fala de profissional negro para a sociedade é sinônimo de falta de experiência e ter que demonstrar ser mais capaz. A raça

então se torna sinônimo de falta de habilidade, ou seja, a sociedade exige muito mais das mulheres negras.

**Tema: “o que fariam para mudar essa situação”:**

Em seguida foi perguntado o que elas fariam para mudar o preconceito contra a mulher negra no mercado de trabalho, obtendo-se assim as seguintes respostas: *“Melhoraria as campanhas do governo contra o preconceito e dentro destas informando as leis a já existem sobre o assunto” (Psicóloga R2).* *“Faria algo que mudasse o preconceito por oportunidades justas para que todos sem se deixar levar pela cor da pele e sim pelo conhecimento, capacidade e habilidade” (Balconista B3).* *“Fazia com que entendessem que todos são iguais independentemente de cor, raça, religião, opção sexual.” (Enfermeira R3)* *“Se eu pudesse faria uma mobilização mundial contra esse preconceito, que para mim todos somos iguais independentemente da cor da pele” (Manicure R1).*

Analisando as falas acima é possível perceber que essas mulheres almejam a igualdade entre os sexos e etnias. Este cenário, porém, pode ser alterado se medidas concretas forem adotadas. Um começo é o diagnóstico dos entraves institucionais na inserção e ascensão profissional, o que implica em monitoramento de informações demográficas das empresas e organizações.

Para tanto, é necessário observar a evolução de dados relativos ao gênero, cor/raça, etc., nos processos de seleção, recrutamento, treinamento, promoção e término do vínculo de trabalho. Pode-se observar ainda como a diversidade se reflete no quadro de fornecedores das empresas, como se manifesta nos serviços e produtos que ela oferece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa bibliográfica e de campo constatou-se que a mulher negra vem sofrendo preconceito e discriminação desde sua vinda para o nosso país onde teve que servir de mão-de-obra escrava vivenciando assim as piores condições de vida para um ser, além de terem sido submetidas às vontades dos senhores de fazendas que as obrigavam a realizar os trabalhos domésticos como lavar, passar, ser ama de leite, cuidar das crianças e ainda iram obrigadas a manter relações sexuais com seus donos. Com a abolição da escravatura ficaram exposta a sua própria sorte, umas continuaram vivendo nas fazendas outras foram procurar trabalho nas cidades onde continuaram realizando as mesmas tarefas domésticas.

Mesmo na atualidade, as mulheres negras continuam à margem da sociedade tendo que provar todos os dias seu potencial para exercer funções com maior visibilidade no mercado, sua imagem é explorada em propagandas turísticas onde exibem seus corpos tendo assim apenas valor sexual para as campanhas publicitárias, pois a sociedade brasileira ainda não está habituada em ter mulheres negras em cargos de destaque como de médica, juíza, psicóloga, nutricionista entre outras profissões. Tal fator é explicado pelo grande número de obstáculos criados dentro do mercado de trabalho que dificultam desde sua entrada até a permanência fazendo com que lhes reste trabalhos pouco remunerados e desvalorizados.

Mesmo depois de muitas iniciativas governamentais para mudar a situação das mulheres de modo geral, as mulheres negras ainda sofrem preconceito e discriminação no mercado de trabalho e pelos usuários de seus serviços conforme foi relatado pela pesquisa. A hipótese proposta no presente artigo foi comprovada e todos os objetivos foram alcançados. Entende-se que o tema merece novas pesquisas regionais e em todo Brasil para melhor aprofundamento e visibilidade dos problemas enfrentados pelas mulheres negras em nossa sociedade.

Para seguir vencendo e quebrando esses paradigmas é necessário intensificar a luta pela garantia dos direitos fundamentais a todos os cidadãos e cidadãs. É necessário também o reconhecimento de todos e todas de que vivemos num país marcado historicamente por desigualdades raciais, responsáveis pela existência de graves desequilíbrios no que se refere a oportunidades e tratamento da trabalhadora negra na sociedade brasileira. Enfim, é necessário que todos e todas saibam que o fator étnicorracial constitui elemento importante na distribuição de oportunidades de emprego, serviços, educação e outros benefícios que favorecerão (ou não) o pacto de igualdade entre brancos e não brancos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Danúbia. **Da senzala à cozinha: Trajetória das personagens negras na telenovela brasileira**. I Encontro dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais. UFJP, 2008.
- ALMEIDA, André Luiz Paes. **Direito do trabalho: Material processual e legislação especial**. São Paulo. Ed. Rideel, 2008.
- AQUINO, E.M.L.; MENEZES, G.M.S.; MARINHO, L.F.B. **Mulher, Saúde e Trabalho no Brasil: Desafios para um Novo Agir**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n2/v11n2a11.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2009.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Revista Estudos Feministas. Ano 3.
- BORGES, Virgínia; PREDES, Rosa. **Serviço social: Temas em debate**. Maceió: Editora Edufal, 2002.
- BRAZIL. Ério Vital; SCHUMAHER, Schuma. **Mulheres negras no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Editoras, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v.17, nº 4, Set./Dez. 2003.
- CHINOY, Ely. **Sociedade – uma Introdução a Sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.
- COELHO, Maria José H.; WERLE, Sandra. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Rev. Em observatório social, ano 2, nº 5, março 2004.
- DIDONÉ, Iraci Maria; FERNANDES, Francisco de A.M.. **Trabalho: Aspirações e realidade**. São Paulo: Editora Loyola, 1991.
- FRAGGIONATO, Denise, GUELF, Cristina e MOLINA, Vera Lúcia Inácio. **Caderno de Pesquisa em Serviço Social**. São Paulo: Editora Biblioteca 24 Horas, 2009.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LIMA, Márcia. **Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras brasileiras**. Revista Estudos Feministas. IFCS/UFRJ, vol. 3, n. 2, 1995.
- MARIANO, Ana Salles; MESERANI, Samir Curi. **Para uma visão reflexiva da violência: Guia temático da videoteca PUC-SP**. São Paulo: Editora Educ, 2001.
- MENDONÇA, Armando Carneiro de. **Vi li e ouvi – Crônica IV**. Brasília: Editora Thesaurus, 2008.
- PICAZIO, Claudio. **Sexo secreto: Temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1999.
- PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2009.
- SANTOS, PE. Anízio Ferreira dos. **Eu negro**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira**. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009.
- Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**, 2008.
- SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação como prática da diferença**. São Paulo: Editora Armazém do Ipê, 2006.

VERÍSSIMO, Silvana. **Mulheres negras brasileiras o passar do tempo, da barbárie da escravidão a atoras sociais**. Florianópolis: Editora Fazendo Gênero, 2008.